

Novo programa de Pedro Bial carece de tempo e edição menos confusa

Por Ítalo Oliveira e Valéria Vilas Bôas

O jornalista e apresentador do Big Brother Brasil Pedro Bial, estreou nesta última quinta-feira, 5 de julho, seu novo programa na grade da TV Globo, o *Na Moral*. A roda de discussão integrada pelo jornalista Antonio Carlos Queiroz, a atriz e ex-*Caseta & Planeta* Maria Paula, o cantor Alexandre Pires e o filósofo Luiz Felipe Pondé deixou a desejar e foi marcada por um debate superficial, engessado e uma edição confusa.

Definido pela emissora como um programa de auditório que abordará um tema principal “através de multiformatos, mostrando maneiras diferentes de discutir o mesmo assunto: uma encenação, debates em estúdio, o povo falando nas ruas e entrevistas, por exemplo”, o *Na Moral* parece ter o tempo como seu principal inimigo. Para fazer caber todas as discussões propostas em apenas meia hora de programa, aproximadamente, Bial controla com atenção as falas dos convidados. O ringue sugerido na apresentação dos convidados da estreia – o jornalista Antônio Carlos Queiroz e o filósofo e professor Luiz Felipe Pondé, que supostamente materializam os dois lados da questão – não se concretiza, como também não se concretiza o debate proposto.

A pedido do apresentador os convidados expõem os seus pontos de vista logo no início do programa, mas o papel de mediação de Bial é certamente o aspecto mais forte na conversação estabelecida: ele apresenta a questão, pede que cada um se manifeste individualmente, cada qual a seu tempo e põe, ele mesmo, novas questões em relação à fala dos convidados, com interferências pontuais e censurando possíveis divagações ou reações “apaixonadas” que possam estender a discussão e fazê-lo perder o controle do tempo, ou das questões que lhe interessam especificamente. Assim, já na primeira participação do jornalista Antônio Carlos Queiroz, Bial argumenta: “Você parece que tá num palanque, você está falando como se a gente estivesse falando da macro política, mas a gente está falando dos pequenos pecadinhos de todo dia. Você é inocente?” Ao que o convidado responde “É que eu me empolguei”, Bial imediatamente passa a palavra para o segundo convidado sugerindo que a sua opinião seja oposta. A partir daí a participação dos dois convidados e de Maria Paula são sempre pontuais, respondendo a perguntas do apresentador.

A disposição dos convidados é outro aspecto interessante em relação ao modo de tratamento do tema. A presença de duas pessoas representando lados diferentes da questão e sentadas em pontos opostos reforça uma ideia de polaridade na discussão, de certo ou errado, de “isso ou aquilo”. No site do programa, o “Painel Na Moral”, enquete virtual que sonda a opinião da audiência, trabalha com o mesmo pressuposto – as respostas possíveis para questões como “Preconceito pode levar à prisão” são SIM ou NÃO, sem qualquer ponderação sugerida. A terceira convidada para o sofá na estreia, Maria Paula, não é apresentada como adepta de nenhuma das partes e além de sentar-se entre “os dois lados”, Bial faz questão de colocá-la no lugar de psicóloga por formação, autorizando o seu lugar de certa neutralidade.

A edição do programa é confusa. Na primeira parte do *Na Moral* – quando a discussão gira em torno da suposta “ditadura do politicamente correto” e as implicações disso, como por exemplo, a reformulação de antigas cantigas de roda, como *Atirei o pau no gato* -, os cortes de cena e das falas dos convidados são abruptos, o que causa um estranhamento. A sensação que fica é a de que o convidado tem mais a dizer, mas isso não se concretiza. Essa característica retorna no último bloco do programa, durante a discussão com o jornalista Antonio Carlos Queiroz, que também sofre com uma edição dura e que deixa o suposto debate parecendo apenas uma arena onde cada um diz – superficialmente, diga-se de passagem – o que pensa.

A parte central do programa – que aborda os temas do assédio moral e sexual – é quando a edição se torna menos caótica. Coincidência ou não, neste momento, o programa faz uso daquela que é a “especialidade da casa”: a dramaturgia. O programa usa uma dramatização para falar de um suposto caso de assédio moral e retorna ao estúdio para ouvir os convidados, antes da conclusão da história. As pessoas envolvidas nela são convidadas ao estúdio onde a discussão se desenrola e retorna ao vídeo, com uma linearidade até então não vista nos primeiros minutos do programa. A edição mantém esse mesmo padrão durante a exibição da encenação com a atriz Adriana Lessa, que interpreta uma funcionária de laboratório que sofre assédio moral.

Embora o redator final do programa Marcelo Souto Maior tenha declarado que um dos trunfos do *Na Moral* seria o roteiro livre de amarras e interferências dos convidados e da plateia que podem alterar o curso do programa, o que se viu na estreia não foi uma coisa nem outra. Além do roteiro engessado e controlado com afinco pelo apresentador, a plateia foi figurativa: durante o programa abriu a boca apenas pra fazer coro às cantigas de roda quando solicitada pelo apresentador e só no final, enquanto subiam os créditos, teve direito ao microfone.

A promessa de um programa de debates sobre “decisões morais do dia a dia” é grande demais para um programa de 30 minutos colocado na grade entre a novela *Gabriela* e o *Jornal da Globo*. O segundo programa vai tratar sobre privacidade, que é outro tema bastante polêmico e complexo para o tempo que o programa dispõe. A impressão é que o *Na Moral* expõe opiniões de personalidades sobre determinado tema e a conclusão sobre tal fica a cargo de Bial, por exemplo, quando ele diz, no final do programa de estreia, que “imoral é fazer a alguém o que você não quer que façam a você”.